Parte 2 - Pesquisa qualitativa: aplicações nos estudos rurais

Entrevista: instrumento de pesquisa no estudo da Comunidade de Palmatuba (Babaçulândia/TO)

Airton Sieben
João Cleps Junior

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIEBEN, A., and CLEPS JUNIOR, J. Entrevista: instrumento de pesquisa no estudo da Comunidade de Palmatuba (Babaçulândia/TO). In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 241-256. ISBN 978-85-7511-443-8.
<https://doi.org/10.7476/9788575114438.0015>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Entrevista: instrumento de pesquisa no estudo da Comunidade de Palmatuba (Babaçulândia/TO)

Airton Sieben
João Cleps Junior

O uso de instrumentos de pesquisa tem sido importante em trabalhos científicos, pois permite a coleta e a obtenção de dados e informações relevantes para o contexto geral do estudo.

As pesquisas qualitativas iniciaram principalmente na antropologia e na sociologia. Posteriormente, ciências como a geografia utilizaram metodologias dessas ciências para explicar seu objeto de estudo. No âmbito da pesquisa qualitativa, o uso de instrumento e metodologias é diverso.

A metodologia seria diálogo, uma relação que liga o teórico ao prático ou aos procedimentos técnicos. A realização prática do trabalho engloba desde as leituras até, sobretudo no caso da geografia, as pesquisas de campo, com o apoio de instrumentos de pesquisa, e seus posteriores desdobramentos nos resultados e nas análises.

Alguns pesquisadores e escritores questionados sobre a metodologia e o método afirmam que estes correspondem ao caminho, muitas vezes próprio, de seguir e resolver o problema ou enigma do estudo. Contudo, o método, a metodologia e os procedimentos causam muitas dúvidas e por vezes incertezas nos estudos científicos. Sob outra ótica, esses instrumentos de pesquisa não são encarados como um receituário definitivo, e o que deu certo para alguns poderá não dar para outros.

Dessa forma, o objetivo geral deste texto é explorar e apresentar o roteiro de entrevista, com questões abertas e fechadas, aplicado no estudo da Comunidade de Palmatuba, situada no município de Babaçulândia, em Tocantins. Esse povoado rural foi desterritorializado pela Usina Hidrelétrica Estreito, localizada nas divisas dos municípios de Aguiarnópolis e de Estreito, situados em Tocantins e no Maranhão, respectivamente (mapa 1).

Mapa 1 – Localização da Comunidade de Palmatuba

Fonte: IBGE (2004, 2006).

Organização: Konrad e Sieben (2012).

O local em estudo – a Comunidade de Palmatuba – está situado na divisa dos estados do Maranhão e de Tocantins. Babaçulândia é um município tocantinense localizado à margem esquerda do Rio Tocantins, e Palmatuba ficava à distância aproximada de 5 km do centro urbano desse município. O mapa 1 mostra a localização deles, na região da Amazônia.

A “liberdade” no processo de pesquisa e na metodologia

Feyerabend, comentando a diferença entre ciência e metodologia, argumenta a fraqueza da última: “Não há uma única regra que permaneça válida em todas as circunstâncias, nem um único meio a que se possa sempre recorrer” (2007, p. 220). Fazendo menção a Imre Lakatos, lembra que um criminoso pode cometer quantos crimes quiser, desde que jamais minta sobre eles. Várias poderiam ser as análises sobre o que Feyerabend expôs, mas, por hora, entende-se que haja “certo” desprendimento metodológico dele em busca da verdade dos fatos ou, como ele mesmo admite: tudo vale.

Para Feyerabend, “a ciência precisa de pessoas que sejam adaptáveis e inventivas, não rígidos imitadores de padrões comportamentais ‘estabelecidos’” (p. 221). “Ordnung ist heutzutage meisten dord, wo nicht ist”. Ou seja, ordem, hoje em dia, encontra-se em geral onde não há nada (p. 31, tradução nossa).

Em qualquer situação cotidiana e, principalmente, em uma pesquisa científica, pensa-se que seja extremamente desagradável mascarar ou distorcer a verdade, pois há sempre pesquisas e pesquisadores e nem sempre o interesse de um trabalho perpassa única e exclusivamente pela ciência. Fatores exógenos podem influir na verdade ou em falsas verdades num estudo.

Nessa pesquisa, não há verdades absolutas, todas as conclusões são passíveis de erros e mudanças no decorrer do processo da história de vida do pesquisador e dos pesquisados. Porém, buscou-se fazer ciência seguindo um método ou métodos que, direcionando os caminhos, levassem a determinado resultado. Assim, objetiva-se evidenciar que alterações poderão ser feitas por outro pesquisador, em outro momento, ao lançar diferentes olhares sobre os instrumentos aqui aplicados.

[...] os rigores do método científico aplicam-se necessariamente ao produto final, quando é apresentado para apreciação e crítica. Ao longo do caminho, o método científico é muito mais solto. Pode até ser visto como uma arte, um artesanato. É feito de inspiração. É feito das práticas que a experiência vai permitindo acumular. Daí as grandes variações de estilos pessoais, de estratégias de busca. Nessa fase, o pesquisador não presta contas a ninguém. Mas, obviamente, se fizer tolices, os resultados finais não passarão pelo crivo

do método que ele mesmo deverá aplicar – quando nada, por temor de que outros menos condescendentes encontrem defeitos (Castro, 2006, p. 30).

No entanto, fazendo-se uma análise na perspectiva de Porto-Gonçalves: “é preciso que estejamos atentos ao objeto, abertos e flexíveis, para adequarmos o método de investigação às suas particularidades. Quem dispõe de um método *a priori* e o aplica rigidamente a um objeto é aquele que privilegia o sujeito” (1993, p. 56). Logo, não há uma relação do sujeito-objeto, mas, sim, do sujeito consigo mesmo. Assim, há a necessidade de um diálogo permanente e de um método de investigação adequado às circunstâncias que se apresentam.

Nos estudos e discussões realizados no decorrer da pesquisa, percebeu-se que existem autores que defendem o uso de um único método a ser seguido e outros que argumentam sobre o uso de mais de uma linha metodológica. Os métodos dialético e fenomenológico são os que melhor se aplicam aos estudos qualitativos. Juntamente com a história oral, o roteiro de entrevista (contendo questões abertas e fechadas), a caderneta de campo e o uso de dados qualitativos e quantitativos, esses métodos são metodologias e técnicas importantes em pesquisas científicas.

Ao comentar algumas diferenças entre pesquisas qualitativas e quantitativas, Chizzotti valoriza a interação entre sujeito e objeto de estudo. Estes estariam conectados e ocorreria uma interdependência entre eles. “O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (2010, p. 79).

A dialética e a fenomenologia são as orientações filosóficas que, melhor explicam a relação entre sujeito e objeto de estudo. As ciências sociais interpretam que, no positivismo, há “certo” distanciamento entre pesquisador e sociedade pesquisada e assim se perde muito das percepções que relações mais próximas poderiam fornecer. Essa relação mais próxima poderia ser, por exemplo, a interatividade entre pesquisador e pesquisados, pois o pesquisador necessita auxiliar nas tarefas diárias das sociedades para, no final do dia, conseguir sua entrevista e obter os dados para sua pesquisa.

O comportamento das pessoas varia conforme idade, sexo, local de convívio, ambiente e relação social. “O fundamento desta abordagem vem do fato de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, mas também de avaliá-lo” (Santos, 2008, p. 91).

Finalmente, descobrimos que o *aprendizado* não vai da observação para a teoria, mas sempre envolve ambos os elementos. A experiência surge com pressupostos teóricos, e não antes deles, e uma experiência sem teoria é tão incompreensível quanto o é (presumidamente) uma teoria sem experiência [...] (Feyerabend, 2007, p. 211).

Para Godoy, “a opção pela metodologia qualitativa se faz após a definição do problema e do estabelecimento dos objetivos da pesquisa que se quer realizar” (1995, p. 63). Assim, essa opção significa uma forma de resolver os enigmas ou os problemas expostos e o método qualitativo abarca perfeitamente o estudo, envolvendo problemas, em vez de hipóteses. Godoy (1995) ainda afirma que pesquisadores qualitativos não utilizam as hipóteses e, portanto, não ficam presos a dados ou evidências que neguem ou afirmem suas suposições.

A melhor maneira de se obter dados é se colocar na visão dos pesquisados, o que pode ser feito por meio destes procedimentos: observação direta; trabalho de campo; observação participante; entrevista; e uso da história de vida, de cartas, de diários e de documentos públicos (Godoy, 1995).

O roteiro de entrevista e os caminhos da pesquisa

Na pesquisa em questão, aplicou-se um roteiro de entrevista contendo questões abertas e fechadas às famílias atingidas pela Usina Hidrelétrica Estreito, em Palmatuba, para obter informações sobre a renda familiar e a expectativa das famílias após a construção da hidrelétrica. O instrumento de pesquisa foi subdividido nas seguintes partes: 1) identificação e histórico familiar (memórias do lugar); 2) produção e rendimento; e 3) impactos do empreendimento, processo de desapropriação e perspectivas da família.

As entrevistas com os moradores mais antigos das comunidades buscam explorar informações sobre: a) os comportamentos comuns dos membros das famílias; b) as numerosas características de crença que constituem o modo de vida rural, sob uma percepção de espaço de vivência; c) as manifestações de valores e tradições; d) a contribuição desses aspectos para a permanência dessas famílias no campo; e) os laços de parentescos, consanguinidade, amizade e vizinhança; e f) o resgate da herança cultural e da memória da população, por meio da oralidade, valorizando sua história e suas tradições. Mesmo sendo orientadas por um roteiro ordenado de questões, as entrevistas constituem um diálogo informal. São os entrevistados que estabelecem a orientação e o ritmo do encontro (Mendes e Pessôa, 2009, p. 526).

As questões abertas e fechadas do roteiro de entrevista foram o principal instrumento a fornecer suporte de campo ao trabalho. De posse das entrevistas, passou-se ao tratamento das informações e dos dados, tabulando-os e quantificando-os em programa adequado, e, depois, à elaboração de gráficos, tabelas e quadros, para posterior descrição, interpretação e análise.

Finalizando a etapa da pesquisa exploratória e com parte das entrevistas já realizada, inicia-se o trabalho definitivo de campo – a aplicação dos roteiros de entrevistas. Uma de nossas preocupações, no decorrer das pesquisas realizadas, é assegurar a formação de um banco de dados a partir da comparação das informações produzidas. Isso exige que a base de coleta de informações seja mantida, o que não impede a incorporação de novos assuntos. Assim, os roteiros de entrevista devem possibilitar traçar o perfil das famílias nas condições atuais de moradia e produção e acompanhar a evolução de suas condições de produção, de suas condições econômicas e sociais na região (p. 528).

O roteiro de entrevista pode ser confundido com a entrevista semiestruturada. Matos e Pessôa (2009) apontam que as entrevistas semiestruturadas abrem um leque de discussão e podem levar a outros assuntos. O roteiro de entrevistas é uma forma de seguir o conteúdo principal, sem preocupação com as divagações. Um dos cuidados a tomar é não se esquecer de marcar o ponto em que as divagações iniciaram.

As divagações ou os assuntos que não atinjam diretamente os objetivos do estudo poderão, também, ser informações relevantes. Cabe ao pesquisador classificar esses dados e informações conforme seus objetivos e interesses. Além disso, aliada ao roteiro de entrevistas, cabe utilizar, ainda, a gravação.

A entrevista tem várias vantagens, entre elas, a facilidade de utilizar os dados obtidos para fins de classificação e quantificação; entretanto, mais do que o conteúdo, a entrevista traz a possibilidade de que os membros efetivamente envolvidos no objeto de avaliação [...] possam manifestar seu ponto de vista, as oportunidades que tiveram para se formar solidariamente e se organizar. Igualmente, a entrevista pode apresentar desvantagens, dentre elas, o fornecimento de respostas falsas, consciente ou inconscientemente, às vezes, causadas por total falta de motivação do entrevistado para responder às perguntas que lhe são feitas, outras, por inadequada compreensão do significado dos questionamentos. Cabe, outrossim, ao entrevistador planejar a pesquisa, entendendo planejamento como um processo, e não um simples ato de perguntar e transcrever respostas, uma vez que estabelecer relação pessoal com seu entrevistado é o único caminho para o sucesso dessa técnica (Almeida e Ferreira, 2009, p. 80).

O roteiro de entrevistas fornece uma variedade de informações, as quais podem ser utilizadas de diversas formas no contexto da pesquisa. Mediante a tabulação de dados e informações oriundos desse instrumento de pesquisa, é possível elaborar quadros, tabelas, gráficos, mapas, textos transcritos dos entrevistados, entre outras possibilidades que enriquecem o trabalho do ponto de vista científico. As ilustrações,

como tabelas, gráficos, mapas, entre outros, reforçam, facilitam e instrumentalizam a pesquisa científica.

Salienta-se que em toda e qualquer pesquisa com seres humanos sempre ocorrem riscos ou desconfortos. Nessa pesquisa, ocorreram situações que suscitaram emoções nos entrevistados ao se lembrarem de Palmatuba, uma vez que eram pessoas idosas, simples e com pouco grau de instrução. Outra situação foi o tempo dispensado para efetuar a entrevista, que, em muitos casos, foi de mais de duas horas, em virtude de o roteiro conter 64 questões e da disponibilidade que algumas famílias entrevistadas tinham para falar.

Nesse contexto, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, para dar maior segurança e respaldo ao pesquisador e aos pesquisados, houve a necessidade de o projeto ser avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. O material entregue com os documentos para análise continha folha de rosto, projeto com o roteiro de entrevista, orçamento financeiro com remuneração do pesquisador, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e currículo do pesquisador e demais participantes; foi protocolado em fevereiro de 2010.¹

Mendes e Pessoa (2009) expõem que as seguintes informações devem constar do TCLE: vínculo da pesquisa com o Comitê de Ética; título do projeto; pesquisadores responsáveis e participantes; descrição da pesquisa; indicação de riscos de desconfortos e de possíveis benefícios; período de participação; e garantia de sigilo e de retirar o consentimento a qualquer tempo.

A fim de minimizar os transtornos e os desconfortos na aplicação do roteiro de entrevista, tentou-se agendar o horário previamente com o entrevistado, mas isso nem sempre foi possível, pois em alguns casos se tinha somente o endereço do entrevistado. Desse modo, considerando-se as distâncias, convidava-se um representante da família a participar da entrevista, sem ocorrer o agendamento prévio.

Nos casos em que o entrevistado permitiu, foram realizadas, além do manuscrito da entrevista, gravações com recurso MP3 (*Mpeg Layer-3*). Dos 26 entrevistados, 17 deram sua permissão, e dessa forma se caracterizou o uso do instrumento história oral. Meihy (2005) indica as presenças do entrevistador, do entrevistado e do aparelho de gravação como os três elementos que constituem a relação mínima para que ocorra a história oral.

Aplicou-se o roteiro de entrevista entre os dias 1º de abril e 5 de maio de 2010. O instrumento foi aplicado a todas as ex-famílias de Palmatuba (proprietárias de terra), totalizando uma população de 27 entrevistados. Isso representa o universo amostral de 100%. Gerardi e Silva (1981) apontam que, quanto menor a população, maior a amostra.

¹ O estudo proposto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Medicina Tropical (FMT) de Araguaína/TO e aprovado em 10 de março de 2010, conforme o processo número 21/2010.

Nas pesquisas em que seres humanos são os alvos do estudo, é impossível, por motivos práticos, abordar todos os sujeitos que compõem o grupo de interesse do pesquisador, salvo quando o recorte do objeto de estudo compreenda comunidades numericamente tão restritas que o pesquisador tem condições temporais de conhecer cada um e condições intelectuais de apreender todos em seu trabalho (Turato, 2003, p. 351).

Optou-se pela aplicação do roteiro de entrevista para todas as ex-famílias de Palmatuba, a fim de mapear sua nova residência e conseguir maior confiabilidade nos dados estatísticos, que foram reproduzidos em gráficos e tabelas. Decidiu-se não preterir nenhum morador por considerar-se que todas as famílias atingidas tinham informações relevantes para a pesquisa. Além disso, há a possibilidade de se fazer aprofundados estudos posteriores.

Direcionaram-se os estudos àqueles que sofreram os impactos sociais diretos. Nesse caso, enquadraram-se 27 proprietários e o deslocamento de aproximadamente 24 famílias. Ressalte-se que um número irrelevante de entrevistados já havia emigrado de Palmatuba antes da notícia da construção da Usina Hidrelétrica Estreito. Também se contabilizaram estes nas entrevistas feitas e no histórico de vida do local.

Essas famílias foram mantidas no estudo porque algumas foram indenizadas pelo Consórcio Estreito Energia e, mesmo depois da mudança, tiveram uma longa relação afetiva com o local, principalmente em eventuais idas até lá, pela manutenção de posses e bens e por sua ligação com associações.

Convidava-se o entrevistado a participar do roteiro de perguntas. Um ex-palmatubense não foi entrevistado por suas más condições de saúde – idade avançada, doença de Parkinson, pressão alta – e por seu tempo de emigração do lugar. Por fim, aplicaram-se 26 roteiros.

Como as pessoas se mostraram receptivas às entrevistas, não ocorreram maiores transtornos. A exceção foi uma entrevistada que considerou o roteiro extenso, o que tomaria tempo, e deixou perceptível seu desconforto.

Para a maioria das pessoas, o ato de dar entrevistas é uma atividade independente de pagamentos ou outros benefícios materiais. Outros, pelo contrário, respeitam o tempo e as condições de vida social dos entrevistados e promovem algum tipo de recompensa. Ainda que o assunto comporte um índice de polêmica, eticamente prefere-se considerar o narrador um colaborador e não alguém que vá tirar proveito material de sua história. Nesse caso, muitos criticam sem a devida argumentação (Meihs, 2005, p. 41).

Aplicaram-se entrevistas em visitas feitas aos proprietários em suas casas. As perguntas foram respondidas de maneira informal, e tentou-se manter uma conversa com o entrevistado, seguindo-se o roteiro. O procedimento acontecia da seguinte forma: agendava-se a entrevista por telefone ou dirigindo-se pessoalmente ao endereço do entrevistado.

Uma vez consentida a conversa, apresentava-se o TCLE. Entregava-se o termo para que se fizesse sua leitura. Em muitos casos, o entrevistado, alegando problemas de “visão”, pedia que a leitura fosse feita por um dos membros de sua família ou pelo próprio entrevistador.

Em muitos casos, apesar da clareza do TCLE, que apresenta termos de fácil compreensão (exigência do Comitê de Ética em Pesquisa), o entrevistado solicitava algum esclarecimento ou explicação. Tanto o termo quanto a explicação eram aceitos pelos entrevistados. Salienta-se que as pessoas pesquisadas eram simples, mas de forma nenhuma simplórias, sabendo situarem-se no contexto das hidrelétricas e da energia.

Ressalta-se, contudo, que os atores do estudo tiveram interesses e, logicamente, conheciam os motivos da pesquisa e os objetivos do pesquisador. O TCLE deixava isso claro, bem como a relação estabelecida com o lugar e a população de estudo desde 2004, o que gerou reciprocidade de intenções.

Em alguns casos, a pessoa entrevistada respondia às questões enquanto fazia outras atividades. Regra geral, o pesquisado sentava-se para conversar e deixava os pensamentos fluírem relembando as histórias de Palmatuba à medida que se avançava no roteiro (extrapolando duas horas). Após a entrevista, entregava-se uma cópia do TCLE ao entrevistado e a cópia assinada ficava com o pesquisador, anexa ao roteiro de entrevista.

Nos trechos transcritos, utilizou-se somente o número da ordem da entrevista, sua data, as iniciais dos nomes dos entrevistados e sua idade. Mesmo com a autorização assinada no termo, optou-se por preservar a identidade e a privacidade das pessoas entrevistadas e, assim, manter o respeito a elas.

Whitaker comenta que se deve evitar o caráter caricatural das falas dos entrevistados. Para a autora, “os transcritores julgam possível reproduzir uma pronúncia original usando erros ortográficos. Quando um sujeito fala, ele está falando, não está escrevendo. Não está, assim, cometendo erros ortográficos” (2002, p. 116). Buscou-se, portanto, preservar o conteúdo do discurso e evitar o caricatural nas transcrições das entrevistas.

Aplicação do roteiro de entrevista: resultados na Comunidade de Palmatuba

No primeiro quadrimestre de 2009, ocorreu a emigração de grande parte dos moradores de Palmatuba. Em julho desse ano, todos os moradores já haviam deixado suas residências e se espalhado num raio aproximado de 100 km. As duas famílias mais afastadas situavam-se a 200 km uma da outra; uma localizava-se à margem do Rio Tocantins, e a outra, próximo às margens do Rio Araguaia. Nesse momento, iniciou-se um trabalho investigativo com o propósito de coletar e mapear os endereços dos camponeses tradicionais de Palmatuba.

Por ocasião das saídas de campo, obtiveram-se os endereços das novas moradas de alguns dos últimos palmatubenses que deixaram o lugar em julho daquele ano. Assim, foi possível pelo menos visualizar, mesmo que provisoriamente, os locais para onde iriam, uma vez que muitos conheciam a localização de suas novas residências, mas desconheciam os endereços exatos, como rua e número da casa e assentamentos.

Aproveitou-se o momento para solicitar mais informações sobre os outros emigrados, a fim de se obterem algumas referências locais. As respostas, apesar de objetivas, levaram a realizar trabalho investigativo, visto que muitos desconheciam seus endereços e, logicamente, as moradas de seus ex-vizinhos também.

Consultou-se a empresa que acompanhou a emigração da população, a fim de se obterem dados cadastrais sobre os pontos de emigração. No mês de julho de 2009, na cidade de Babaçulândia, especificamente no escritório do Consórcio Estreito Energia, fizeram-se contatos com funcionários da empresa Barros Engenharia Ambiental, contratada pelo consórcio e responsável pelo reassentamento das pessoas desalojadas.

A empresa forneceu o nome dos indenizados, juntamente com alguns endereços e telefones. A partir dessas informações, elaborou-se um quadro de localização das famílias atingidas em Palmatuba; e, com as informações dos entrevistados, foi possível reconstituir a caminho seguido por todos os 24 indenizados. O número de entrevistados aumentou, pois, conforme as entrevistas, novos dados e informações sobre alguns camponeses tradicionais não indenizados e adicionados no quantitativo final foram acrescidos.

As visitas a Palmatuba foram quase mensais no transcorrer do processo, sobretudo a partir da segunda metade de 2009, a fim de se observar a transformação da paisagem, de se coletarem dados e de se acompanhar a dinâmica do local. Em 1º de dezembro de 2010, iniciou-se a formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Estreito, que entrou em operação comercial em 6 de maio de 2011. A formação do lago até atingir a cota de 156 m de altitude com extensão de 250

km, abrangendo 12 municípios (dois maranhenses e dez tocantinenses), ocorreu em março de 2011.

Com a aplicação do roteiro de entrevista, pôde-se observar o quadro geral da situação dessas famílias. Uma questão foi importante para a pesquisa, pois mostrou o antes e o depois da desterritorialização: questionados se voltariam a Palmatuba caso reencontrassem as mesmas situações anteriores, 11 entrevistados, ou 42%, responderam que não, e, 15, ou 58%, responderam que sim; questionados sobre o porquê de “não retornar a Palmatuba”, os entrevistados afirmaram que já estavam acostumados, eram idosos, o trabalho no povoado era pesado ou estavam na companhia dos filhos.

Algumas das justificativas dos entrevistados que responderam que retornariam para Palmatuba foram:

Não pensava duas vezes, pra ver se melhorava a saúde e as lembranças dos momentos bons e ruins também (entrevistada 13, M. O. F. S., 16 abr. 2010, 45 anos).

Porque lá é bom, moço (entrevistado 14, F. P. B., 16 abr. 2010, 52 anos).

É incutida lá toda vida, não esquece (entrevistada 17, I. M. C., 21 abr. 2010, 80 anos).

Outros afirmaram sentir insegurança, notícias de violência, não saírem à noite e não terem o que fazer. De maneira geral, a pesquisa demonstrou que 58% das famílias retornariam a Palmatuba depois de transcorrido quase um ano com a nova experiência de vida.

O sentimento que essas famílias manifestaram pode ser representado, de certa forma, no gráfico 1. Nenhum dos entrevistados considerou a situação ótima. Das famílias pesquisadas, seis responderam que estão em situação boa e duas, regular. Isso corresponde a 25% e 8%, respectivamente, das respostas fornecidas. Nas opções ruim e péssimo, há uma (4%) e três (13%) declarações, respectivamente. De todos os entrevistados, 12 famílias, correspondendo a 50% do total, responderam que estão conformadas.²

Ao se somarem as respostas fornecidas no gráfico 1, observar-se-á que não contemplam o número total de 26 respostas, pois um informante respondeu que estava tentando se conformar, e outro, que não se conformou com a situação. A população de

² “Conformado” foi uma das opções presentes numa das questões do roteiro de entrevista para avaliar o sentimento dessa população após a desterritorialização pela Usina Hidrelétrica Estreito.

Palmatuba está relativamente conformada, no sentido de estar fora do lugar, em outras paisagens e exercendo outras territorialidades, tentando se reencontrar.

Gráfico 1 – Pós-desterritorialização: o sentimento das famílias de Palmatuba

Fonte: Dados de campo (mai. 2010).
 Autor: Airton Sieben (2010).

A presença e a proximidade da família e a vida mais tranquila foram fatores preponderantes para cerca de seis entrevistados, que responderam estar em situação boa. Os 12 entrevistados conformados justificaram que não havia alternativa. Havia aqueles que estavam em péssima situação por não conseguirem se conformar e sentirem saudades de Palmatuba; a lembrança podia ocorrer por ocasião de um simples sopro de vento no mês de junho.

Quando a gente vai lá, sente uma coisa tão ruim... passar por isso (entrevistada 12, E. A. S., 16 abr. 2010, 37 anos).

No contexto geral, o gráfico 1 mostra que poucas pessoas obtiveram melhorias nas condições de vida com a desterritorialização. Muitos atingidos estão em situação desconfortável e tentam continuar suas vidas da forma que lhes é possível.

Das 26 famílias entrevistadas, 21 residem em áreas urbanas e cinco, em áreas rurais. A cidade de Araguaína foi a opção da maioria (13). Babaçulândia foi a alternativa de oito atingidos, sendo um em área rural. A cidade de Carolina, no estado do Maranhão,

foi a escolha de um dos agentes. A área rural de Aragominas e de Wanderlândia recebeu um e três entrevistados, respectivamente. Observando os locais de imigração, percebem-se as distâncias que separam os antigos vizinhos de Palmatuba (mapa 2).

Ao serem questionados sobre a escolha para a nova morada, os que residem em áreas urbanas responderam que habitam em locais em que o dinheiro da indenização facultou a compra. Houve muitas dificuldades, uma vez que muitos desses migrantes foram em direção à cidade de Araguaína, e muitas casas e lotes dessa área urbana, situada em Tocantins, não são documentados, o que se tornou um empecilho para os atingidos que aceitaram a carta de crédito. A compra de casa pela carta de crédito perpassava pela aprovação do Consórcio Estreito Energia e um dos requisitos avaliados era a documentação do imóvel.

Para muitos, foi necessário aceitar o que lhes era ofertado:

Onde o dinheiro deu, nós parou (entrevistado 4, A. C. R. F., 3 abr. 2010, 44 anos).³

Depois de aproximadamente um ano da indenização feita em espécie, algumas famílias observaram que o dinheiro havia acabado e estavam passando por dificuldades econômicas.

A falta de experiência com a moeda fez os atingidos incorrerem em ilusões sobre o montante pago na “indenização” de sua propriedade e benfeitorias. A educação dos filhos foi outro fator responsável para que optassem em morar na área urbana. Para as demais famílias, houve uma combinação de fatores para que escolhessem residir em cidades.

As opções dos cinco imigrantes que estão morando em áreas rurais (mapa 2), assim como as dos atingidos da área urbana, foram restritas. Eles queriam reproduzir o modo de vida que tiveram em Palmatuba. Suas alternativas perpassaram pela possibilidade de habitar próximo de rio ou de riacho e todos os cinco entrevistados nessa categoria conseguiram espaços com tais características, na tentativa de reproduzir o lugar e a paisagem anteriores e exercer as mesmas territorialidades.

³ Optou-se por manter a fidelidade na transcrição da fala dos entrevistados com base no pensamento de Whitaker, segundo o qual “os transcritores julgam possível reproduzir uma pronúncia original usando erros ortográficos. Quando um sujeito fala, ele está falando, não está escrevendo. Não está, assim, cometendo erros ortográficos” (2002, p. 116), destacado na página 249.

Mapa 2 – Municípios de imigração das famílias de Palmatuba

Fonte: IBGE (2010).

Organização: Reis, Petronzio e Sieben (mai. 2012).

Outro atingido, apesar de morar perto de córrego, lamenta a necessidade de comprar insumos e fertilizantes para a terra. Tais investimentos aumentam os custos e, somados às longas distâncias, tornaram difícil vender os produtos. Esse sujeito se transformou em dependente de empréstimos e custos de insumos em assentamento rural no município de Wanderlândia (mapa 2).

Um entrevistado foi residir na área urbana de Carolina/MA, cidade à margem do Rio Tocantins, que agora se transformou em reservatório da Usina Hidrelétrica Estreito. Outra família foi morar em assentamento na área rural de Aragoimas/TO, próximo à margem do Rio Araguaia, na divisa com o estado do Pará. Antigos vizinhos de poucos metros, agora se encontram à distância de aproximadamente 200 km, conforme demonstra o mapa 2.

O modo de vida alterado pela Usina Hidrelétrica Estreito trouxe efeitos para essa população, que precisa reconstituir sentimentos como apego e pertencimento aos novos locais de habitação. As territorialidades, a paisagem e as dificuldades atuais são diferentes daquelas vivenciadas em Palmatuba.

Mediante a aplicação do roteiro de entrevista, esses foram alguns dos resultados, informações e dados obtidos. Constatou-se que houve mudanças no modo de vida dessa comunidade atingida pela Usina Hidrelétrica Estreito, e o instrumento de pesquisa foi útil para determinar quais foram essas alterações.

Considerações finais

Nas pesquisas qualitativas, deve-se ter liberdade na escolha do método, sem determiná-lo *a priori*. Métodos e técnicas precisam ser preestabelecidos, mas, em muitos casos, é necessário reavaliar o caminho a ser seguido, para não engessar a pesquisa. Devem-se privilegiar, sobretudo, os pesquisados.

O roteiro de entrevista foi o instrumento metodológico adequado para o estudo exposto. Apesar de haver um conglomerado de questões, estas serviram para se ter orientação com certo desprendimento. Isso tornou as conversas com os entrevistados interessantes e ricas e possibilitou que os pesquisados se sentissem à vontade para fornecer informações e expor todas as suas angústias.

O roteiro de entrevista propiciou a obtenção de diversas informações sobre a Comunidade de Palmatuba, como o desejo de mais da metade das famílias de retornar para Palmatuba após o primeiro ano de desterritorialização. Apesar de o retorno ser impossível, por causa da formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Estreito, a resposta mostrou o sentimento de pertencimento dos entrevistados em relação ao povoado.

O pertencimento não é valorado nas indenizações recebidas. Diante disso, destaca-se o roteiro de entrevistas, por permitir que se aprofundem as discussões

acerca de aspectos de cunho social, econômico e cultural decorrentes da construção de usinas hidrelétricas.

Referências

- ALMEIDA, Emerson G. e FERREIRA, William R. *A entrevista enquanto diálogo assimétrico na geografia dos transportes: uma reflexão sobre o mototaxismo em Ituiutaba/MG*. In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 75-90.
- CASTRO, Claudio M. *A prática da pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006, 176 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010, 164 p.
- FEYERABEND, Paul K. *Contra o método*. Tradução de Cezar Augusto Morati. São Paulo: Ed. UNESP, 2007, 374 p.
- GERARDI, Lúcia H. O. e SILVA, Barbara C. M. N. “Introdução”. *Quantificação em geografia*. São Paulo: Difel, 1981, pp. 1-20.
- GODOY, Arilda S. “Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, mar.-abr. 1995, n. 2, v. 35, pp. 57-63.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Divisão regional*. Disponível em http://ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/brasil_2004.pdf. Acesso em 31 out. 2011.
- . *Divisão regional*. Disponível em http://ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/logistica/energia/2006.pdf. Acesso em 31 out. 2011.
- . *Geociências*. Disponível em http://ftp://geofp.ibge.gov.br/malhas_digitais/municipio_2010/to.zip. Acesso em 31 abr. 2012.
- MATOS, Patrícia F. e PESSÔA, Vera L. S. “Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária”. In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 279-92.
- MEIHY, José C. S. B. “História oral: reputação e espaço de conhecimento”. *Manual de história oral*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005, pp. 14-57.
- MENDES, Estevane P. P. e PESSÔA, Vera L. S. “Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevista, registros de observações e aplicação de roteiros de entrevista”. In RAMIRES, Julio C. de L. e PESSÔA, Vera L. S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 509-38.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos W. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1993, 148 p.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008, 285 p.
- TURATO, Egberto R. “Decidindo quais indivíduos estudar”. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 351-68.
- WHITAKER, Dulce C. A. et al. “A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?”. *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Wenceslau: Letras à Margem, 2002, pp. 115-20.